

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços: entrevista com Iracema Alvarenga

Entrevista por Gabriel Yukio Shinoda Oliveira e Guilherme Oliveira Souza

Transcrição por Gabriel Yukio Shinoda Oliveira e Guilherme Oliveira Souza

Revisão por Beatriz Gasques Favilla, Gabriel Yukio Shinoda Oliveira, Guilherme Oliveira Souza, Letícia Oliver Fernandes e Matheus de Paula Silva

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v9i2p205-236

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

Iracema Cristina Alvarenga entrou no curso de História da USP em 1995. A escolha se deu por dois principais motivos: sua curiosidade de infância e a questão econômica. Desde criança, sempre se interessou pelas linhagens genealógicas bíblicas e quando se debruçava sobre as longas gerações, questionava-se: como alguém sabe tudo isso? Sua primeira questão era, sem dúvida, um sinal de que a História a interessaria. Dessa forma, a curiosidade se desenrolou e chegou nos corredores do prédio do Departamento de História.

Atualmente leciona na rede pública de Barueri, cidade da Região Metropolitana de São Paulo. A razão pela qual chegou na sala de aula foi um dos tópicos abordados na entrevista, assim como sua experiência na universidade, suas impressões sobre o curso e a graduação, sua profissão, seus alunos e o movimento antirracista. Como mulher preta, contou-nos sobre suas experiências com o preconceito racial e como este esteve presente desde sua infância. Sem rodeios, Iracema mostra seu papel na educação sem romantizá-la, desnudando-a e expondo os problemas da graduação e do ensino da disciplina. Por fim, aponta a difícil tarefa para o presente e o futuro dos novos historiadores e historiadoras: conquistar nossos espaços perdidos, divulgar nosso trabalho e mostrar a todos nossa importância.

Boa leitura a todas e todos!

Revista Epígrafe: A gente quer começar entendendo: por que você escolheu História?

Iracema Alvarenga: Nossa, jura que essa é a primeira pergunta? [risos] Bom, eu sempre gostei de História, então eu já fui uma criança estranha. Nunca tive problema com essa matéria, sempre achei estranho todo mundo detestá-la, porque eu queria saber tudo o que tinha acontecido. Por incrível que pareça, eu era uma pessoa que lia muito a Bíblia, mas não pelo lado religioso, eu queria saber o que tinha acontecido com as

peças. Então aquela parte da genealogia... filho de não sei quem, que era filho de não sei quem, aquilo eu achava um troço incrível. Nossa, como é que se pode saber tudo sobre várias gerações de uma mesma família?

Mas na época de escolher para estudar mesmo, eu optei por várias coisas, não só História. Eu trabalhei com desenho, então, eu gosto muito de desenho, desenho de Arquitetura, trabalhei muito tempo com isso. E eu trabalhava no Instituto Butantã. E o prédio de desenho era em frente à USP. Quando prestei os vestibulares, passei na FAAP [Fundação Armando Álvares Penteado] e na USP... Eu sou pobre. Na hora da opção, você olha: de um lado, eu iria gastar minha perna para atravessar a rua e estudar; do outro lado, eu iria ter que pegar dois ônibus para ir até a FAAP. Na hora da conjugação, eu falei: "Nesse momento, eu vou escolher História". Eu gosto dos dois, mas História está muito mais fácil para eu atravessar a rua e chegar ali, então fui para História mesmo. Não foi nada, assim, muito mirabolante, foi uma escolha financeira entre duas coisas que eu gostava.

Revista Epígrafe: Então a História não foi uma opção única, você tinha mais de uma opção?

Iracema Alvarenga: Tinha! Eu não queria dar aula, tá? Então, o mercado para a História era restrito. E desenho... Assim, estava começando o *AutoCAD*, então tinha um caminho interessante para ser traçado ali. Mas, assim, na condição financeira daquele momento, eu escolhi História e não me arrependo.

Revista Epígrafe: E como a senhora descreveria sua vida na graduação em História?

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

Iracema Alvarenga: Ah, eu acho que tem que dividir em dois momentos, né?! Um momento da alegria de estar em um lugar onde normalmente as pessoas que têm baixo poder aquisitivo têm dificuldade em estar. Na minha época não tinha o ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio], não tinha essas coisas todas, então você ia na raça, disputando com todo mundo. E normalmente esses cursos de Humanas eram onde o pessoal mais pobre realmente entrava. Letras, Geografia, História, a gente entrava mais. Por isso que eu falei que eu não era um bom exemplo [para ser entrevistada], eu trabalhava, cara, então eu fazia o curso à noite. E nessa época, eu tinha dois empregos. Eu tinha dois empregos e estudava. Então o tempo ocioso que eu tinha, tanto na hora do almoço, no emprego, como qualquer horário ocioso que eu estava ali perto da USP, eu estava dentro da biblioteca. Eu acho que eu frequentei mais a biblioteca de História do que a sala de aula. Para mim era um lugar mágico. Então, a minha graduação foi complicada para mim. Tanto que eu demorei muito tempo para me graduar. Eu fui empurrando matérias, eu fui abandonando outras, e depois fui fazendo matrículas em outras até conseguir terminar. Basicamente é isso.

Revista Epígrafe: É bom que você dê esse parâmetro para gente, porque ele é diferente de outros que a gente já teve. É um parâmetro bem único, bem interessante, bem construtivo. A senhora falou que abandonou algumas [disciplinas] e retornou depois... Quais foram as matérias mais marcantes e os professores mais marcantes ao longo da sua graduação?

Iracema Alvarenga: Ah, cara, isso... Acho que o mais legal que eu tive aula, que, assim... Ele dava poucas aulas, mas as poucas aulas que ele dava eram sensacionais. Era um cara chamado [Arnaldo Daraya] Contier. Ele, para mim, era sensacional, apesar de várias pessoas não gostarem. Ele tinha uma visão, uma mentalidade de História da

Cultura que eu gostava. Era um caminho que eu seguiria muito bem, tranquilamente, falar de História da Música, História do Cinema, é uma coisa que me fascinava. As aulas dele eram muito boas, porque elas não ficavam só naquilo lá: “Vamos ler um texto, vamos dialogar sobre o texto, vamos interpretar o texto, vamos saber o que o historiador está falando”. Não, ele pegava uma música, pegava outra música, “Esse é um semitom de não sei o quê, e essa é uma outra coisa que vai por outro caminho...” São coisas que eu nunca tinha associado com História, então para mim, ele era sensacional. Bom, tem aquelas figuras carimbadas que todo mundo gosta, que era o Carlos [Guilherme] Mota, o [Nicolau] Sevcenko, esses que eu guardo mais na memória. Tinha um que eu guardo na memória, mas é pelo terror mesmo, que é o Ulpiano Bezerra de Menezes. É pelo terror, porque, assim, ele fazia a gente se sentir o lixo do lixo do lixo. Quando ele entrava na aula, quando tinha seminário... O cara olhava para você e falava assim: “O que você está fazendo aqui? Você realmente tem qualificação para estar aqui? Isso aqui não é para você!”. Basicamente, era humilhação todo dia. Mas eu aprendi muito, eu aprendi muito com ele, apesar de todas as humilhações, porque ele me ensinou a enxergar, também, a História de uma outra maneira que não fosse essa só de interpretação de texto e coisas do gênero. Mas esse foi o terror da minha vida.

[Meus alunos] acham que meu seminário é horrível... Eles nunca enfrentaram um seminário do Ulpiano! Eu sempre penso no aluno à frente, longe de mim, entende? Naquele espacinho, era uma vivência muito pequena, era uma bolhinha. Então, assim, eu não quero que os meus alunos tenham essa humilhação como eu tive na universidade. Na universidade, eu acho que é mais cruel, é mais duro escutar certas coisas. Quer dizer, você passou a vida inteira estudando, e aí na universidade falam que você foi um imbecil, você não aprendeu nada... Então isso dói! O momento de você sofrer é agora, porque depois você tira de letra tudo o que foi feito. Eu tenho

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços
certeza que se o Ulpiano estivesse dando seminário e um aluno meu fosse para o seminário dele, ele ia falar assim: “Ah, o da Iracema era muito pior”. É isso [risos].

Revista Epígrafe: Bom, Iracema... Podemos te chamar de Iracema?

Iracema Alvarenga: Por favor. Senhora é triste.

Revista Epígrafe: Bom, Iracema, na USP, a gente tem a parte do bacharelado e a parte da licenciatura. E como foi essa experiência da licenciatura para você?

Iracema Alvarenga: Bom, na verdade, eu não quis fazer, eu adiei o máximo possível, porque eu não queria dar aula mesmo, eu vou ser bem realista, eu não queria dar aula. Eu queria trabalhar com pesquisa, eu cacei tudo, mas dava tudo errado para mim... Eu estava na idade errada, eu estava no trabalho errado, então não rolou. Então fui adiando a licenciatura. Enfim, inevitavelmente, você tem que ir. A experiência lá não é muito legal, não sei como funciona agora, mas as suas aulas são misturadas com gente da USP inteira, todo mundo junto na mesma sala. E as experiências, as vivências e as aulas são completamente diferentes, então você olha para aquilo e fala: “Meu Deus, o que eu estou fazendo com esse povo, esse povo não consegue ler um textozinho medíocre desses, fazer uma interpretação simples”. Cara, dá nos nervos escutar aquilo. Meu Deus, eles estudaram o quê na graduação inteira? Um texto tosco desse, não sabe interpretar... E aí vinha o pessoal que já dava aula, com suas experiências da sala de aula... Desculpa, eu falo palavrão: “Não quero dar aula nessa porra, por que tem que escutar isso daí, mano?”. Aí fala e fala e fala... Então, para mim foi meio chato. Você faz porque você tem que fazer mesmo. Você encontra professores legais... Tinha um lá que gostava de humilhar a gente também, mas eu assisti duas

aulas e saí fora. Tinha a Kátia Abud, que eu gostava muito. Tinha uma que fez várias experiências, como se a gente estivesse dando aula mesmo, e foi aí que eu entendi os outros alunos. Uma menina de Biologia, ou era Física, não lembro mais... Ela fez uma experiência como se nós fôssemos alunos dela. Foi aí que eu entendi o sentido daquele espaço, que é um espaço realmente para a gente conhecer os outros. As dificuldades que eles têm, as habilidades que eles têm, que são diferentes das nossas, e para a gente respeitar, também, eles. Então é um espaço chato, mas necessário. É isso.

Revista Epígrafe: Para nós, é um pouco chocante ouvir você falando que não queria entrar na educação.

Iracema Alvarenga: Não, eu não queria, eu queria ser pesquisadora. Imagina, dar aula para um bando de adolescente chato?! [risos]. Tanto é que todos os meus amigos que entraram comigo começaram a dar aula no mesmo ano. Eles foram lá, um lá no Estado, faziam aquela seleção, entravam e começavam a dar aula. Eu não fui... Eu retardei isso o máximo que eu pude. Prossiga.

Revista Epígrafe: Então, quais eram os outros caminhos que você pretendia seguir durante a graduação?

Iracema Alvarenga: Eu queria trabalhar com pesquisa. Depois que eu me livrei de alguns empregos, digamos assim, só fiquei em um emprego. Eu fui caçar como é que funcionava o esquema de bolsas, bolsas da CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior], bolsa em outros departamentos. Porque eu não queria só um departamento, não... Eu fiquei muito tempo na ECA [Escola de Comunicações e

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

Artes] também, fazendo matéria lá. Então fui caçando para ver onde tinha coisas para eu trabalhar com pesquisa, porque eu não queria dar aula. Então, eu descobri que tinha perdido o bonde da História. Eu não tinha mais a idade que eles queriam, eu não tinha a formação que eles queriam. Então quase todos que eu ia fazer, eu não passava. Teve um só que eu passei, o cara olhou meu horário: “Ah, mas você trabalha?” “Eu trabalho”, “Então, quem trabalha não pode” “Mas eu não posso largar o trabalho, eu tenho uma vida para sustentar, eu não posso largar meu trabalho”. Então, não deu certo. Infelizmente não deu certo. E por isso que eu falo para todo mundo que vai entrar na USP e que é meu aluno: “Entra e já vai caçar bolsa, entra e vai atrás de bolsa”, porque tem muita bolsa para ser usada dentro da USP e eu não usei por uma incompetência minha. É isso.

Revista Epígrafe: Só por curiosidade, qual era a área de pesquisa que você queria seguir?

Iracema Alvarenga: Ah, cara, eu queria cultura, amigo! Não tinha outra coisa. Para a minha cabeça, não tinha outra coisa que se igualasse aos dados culturais. Mentalidade não, porque na minha época, [história das] mentalidades estava na moda. Mas eu queria a área cultural, tanto que eu fiz várias matérias na ECA e fiz várias matérias na Sociologia, todas ligadas à cultura, cinema, artes... Só queria esse caminho. *Sorry*. Continuo gostando, mas não vou fazer mais nada.

Revista Epígrafe: Bom, somando todas essas experiências na graduação que você contou aqui para a gente, como é que todas elas influenciam seu trabalho como uma professora?

Iracema Alvarenga: Eu acho, assim... Como eu falei, eu não sou muito ortodoxa, não trato o aluno muito bem, eu não sou uma pessoa de incentivar e pode ser que eu tenha aprendido isso durante minha vida escolar inteira, então não demonstro muito. Mas eu me preocupo muito com eles. Tanto que as minhas posturas são de severidade, mas quando a pessoa me pede alguma ajuda, eu tiro até a roupa para ajudar, entendeu? Porque eu acho que esse é o nosso papel. Meu papel não é ensinar História, isso é pequeno, isso é bobo, você pensar que você vai ensinar História para alguém. Tanto que na escola que eu dou aula, antes dela mesmo, eu dificilmente sigo currículo. Eu retardo currículo, eu não quero dar conteúdo. Conteúdo você encontra em qualquer lugar. A vivência, não. A maioria dos meus alunos de periferia, tanto nessa escola quanto nas outras que eu dei aula, eles não veem quadro, eles não vão em museu, eles não assistem filmes. Eu trabalhei em uma escola que ninguém nunca tinha ido no cinema, para vocês terem uma ideia. Eu passava filme para eles e eu não entendia por que eles ficavam tão inquietos. É porque eles nunca tinham ido no cinema e eles precisavam de intervalo. Sabe, intervalo do comercial? Porque o único filme que eles assistiam era na televisão. Então, assim, até eu entender isso, que é muito mais importante trabalhar com essas questões do que dar conteúdo... É isso que eu decidi para a minha vida, ou seja: olha, essa criança não precisa saber quem descobriu o Brasil, quem foi o Tiradentes, ela precisa entender que o Brasil tem outras coisas, outras nuances, existe outro mundo. Uma frase que eu sempre falo quando eu dou aula em Barueri: "Saia de Barueri, existe um mundo lá fora. Você não pode ficar preso aqui, dentro dessa História, dentro desses conteúdos, dentro desse local. Vaza, vai para o mundo, que o mundo tem coisas muito melhores". E eu percebi muito isso quando eu dei aula para uma menina que tinha uma cultura elevada, em uma escola um pouquinho melhor, que era do município mesmo, mas ela tinha uma condição de vida melhor. Mostrei o teto da Capela Sistina e ela falou assim para mim:

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

“Ah professora, legal, eu já fui lá, eu já vi”. Eu fiquei olhando para a cara dela, tipo assim: “*Putz*, eu não fui, eu nunca vi” [risos]. Aí eu fico pensando: como eu nunca vi, meus alunos também nunca viram. Então eu tinha que jogar isso para eles: “Vê, vê, vê. Vou forçar até o máximo de você ver coisas legais, para você entender que o mundo é muito maior do que essa sala de aula”. Pelo menos eu penso assim. Então, tudo o que passou na minha vida influenciou o que eu faço hoje na sala de aula. Vou dar um exemplo. No segundo ano, eu dou Renascimento, por exemplo, e cara, eu não falo nada do que tem que ser falado do Renascimento. Minha parte do Renascimento é mostrar obras. Eu mostro todas as obras importantes e falo por que elas são importantes. Então não tem aquele comparativo: “Ah, isso aqui tem profundidade, o outro não tem profundidade. Ah, isso aqui é *Cinquecento, Quattrocento, Trecento...*”, essas bobagens todas que alguém ensina. Eu mostro a imagem, cara. Tem gente que nunca viu uma imagem da Pietà, você sabe o que é isso? Uma criança com 15, 16 anos que nunca viu a Monalisa... Cara, eu fico espantada. Então minha função é mostrar isso para eles, para eles entenderem porque ela é importante, porque dizem que ela é importante, mesmo que eles, naquele momento, não estejam vendo nada daquilo. É isso. Ai, vocês fazem umas perguntas difíceis.

Revista Epígrafe: Você já deu aula em escola particular?

Iracema Alvarenga: Cara, assim, eu não tenho perfil. Eu tentei umas duas vezes. Fui lá... Na entrevista, o cara já viu que eu não tinha o perfil [risos]. Muito do perfil é por causa da minha cor, não vamos negar isso, isso é realidade. Muito do perfil é de onde eu moro... Então eu sou negra, sou da periferia e quando você vai para uma escola particular, eles olham para esse tipo de coisas. Meu linguajar também não é muito bom, apesar de eu tentar disfarçar várias vezes, tentando um ar mais profissional...

Escapa. “Nóis é da periferia, certo, mano?” Então, às vezes escapam algumas coisas e essas coisas não são bem vindas. Então, não, eu não tive experiência de trabalhar em escola particular, mas não que eu não tivesse tentado, tá? Até tentei...

Revista Epígrafe: Acho que você já mostrou por cima como você monta seu currículo, mas, além do que a gente falou, tem alguma linha que você sempre segue? No começo [do ano], você sempre pede para o aluno fazer a pesquisa de conceito e depois entra [no conteúdo]. Como você pensa o seu currículo, assim, em sentar e montar?

Iracema Alvarenga: Então, a experiência que fez isso. Depois de muito tempo dando aula, eu percebi que as crianças não dominam os conceitos. Eles vêm do ensino fundamental só tendo conteúdo, questionário, conteúdo, questionário... E aí eles entram no primeiro ano do ensino médio e não dominam o conteúdo simples... Tem gente que não sabe o que é nômade, tem gente que não sabe o que é sedentário! Como eu vou conseguir trabalhar o primeiro ano do ensino médio se o meu aluno vem sem saber essas coisas básicas? Então um dia a gente sentou... Na verdade, eu sentei sozinha porque a outra [professora] não queria me seguir. Quando eu fiquei com o primeiro ano só para mim, eu falei assim: “Eu não vou dar o conteúdo que está aí”. Aí todo mundo ficou olhando para a minha cara e falou: “Mas você não vai chegar no final”. Falei: “Não, não vou chegar no final e eu não estou nem aí”. Então a primeira parte que eu trabalho é só conceito: o que é História, como se estuda História, conceitos básicos, o que é propriedade privada, de onde vem essa noção, Estado, Estado-nação... Essas coisas, que vocês têm que saber, teriam que saber quando entram no primeiro ano. O que divergia dos outros, né, porque a maioria do pessoal entra e já vai dando Pré-História. Cara, Pré-História... Lá pelo meio do ano que eu vou pensar na Pré-História. Pré-História, deixa para lá. Não é que eu não goste, eu gosto muito de

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços Pré-História, mas eu acho que tem coisa mais importante... Esses conceitos vão ajudar os caras nos três anos. Eles não vão ficar parados ali. Então são coisas que eles vão levar para o segundo ano, para o terceiro ano, alguns vão levar para a universidade, para onde for. Eles vão levar esses conceitos com eles. E a Pré-História, não. A Pré-História, vai aprender ali, nunca vai mais olhar para essa desgraça da Pré-História, e aí o que que adiantou!? Então, eu trabalho isso. O importante é trabalhar os conceitos, como se estuda História.

Eu não ensino de um jeito muito ortodoxo... Eu gosto de usar muita analogia, porque eu acho que é mais fácil para adolescentes nessa faixa etária entenderem essas analogias. Então, eu gosto de estar sempre atenta ao conteúdo que o adolescente está curtindo naquele momento. Você está sempre me vendo em rede social, não é porque eu amo rede social, não, é porque esse é o mecanismo que vocês usam... Eu quero saber o que vocês estão fazendo para ver como é que eu vou usar aquilo na minha aula... Eu faço isso direto. Enquanto eu posso fazer isso, eu faço. Se surgir um novo meme, se surgir uma nova piada, eu vou usar aquilo de alguma forma em algum lugar. Eu só não defini onde, mas que eu vou usar, eu vou. Basicamente, é isso, eu não sei explicar mais, eu não sei falar bonito como o pessoal da História fala.

Revista Epígrafe: Você foi perfeita! Bom, mudando um pouco de assunto, a gente está em uma época de pandemia, de ensino à distância, e não tem como a gente não falar sobre isso. Como é que a pandemia e esse ensino à distância mudaram a sua forma de dar aula?

Iracema Alvarenga: Então, eu gosto de tecnologia. Mas acho esse tipo de tecnologia para dar aula complicada. Eu não gosto. Quando começaram isso daí, eu comecei a gravar as minhas aulas, porque eu gesticulo... Eu sou meio teatral, entendeu? Então,

para mim, não funciona essa coisa de estar olhando para você e falando... Eu gosto de gesticular, eu gosto de tirar um sarro da sua cara, eu gosto da interação, do toma-lá-dá-cá, da brincadeira. Eu acho que as aulas online são muito impessoais, você não tem contato... Eu não sou muito ortodoxa, então, para mim, essa aula *online* é horrível, eu odeio. Assim, eu preciso sentar e pensar como ela poderia ser de uma forma diferente. Então, nesse início, a única coisa que eu consegui pensar é em gravar, mas aí vem o problema técnico, né? O equipamento não é bom, o lugar não é bom, a iluminação não é boa. Então, assim, eu acho que tende a modificar a partir do momento que você tem equipamentos e que você conhece essa plataforma. Eu preciso conhecer melhor essa plataforma para poder tentar interagir com ela, porque do jeito que está nesse momento, para mim, ela é horrorosa. Eu detesto.

Revista Epígrafe: E pensando no seu convívio com os outros professores e o que vocês trocam de experiência, qual é o maior desafio nesse momento, ou os maiores desafios da tecnologia para o professor?

Iracema Alvarenga: Eu acho que o professor é uma espécie de ator, entendeu? E, assim, aquele púlpito ali onde a gente fica é quase que um palco, porque você tem que prender a atenção, então você vira quase um entretenimento, um mestre de cerimônias ou qualquer coisa do gênero. A plataforma *online* não te permite isso. Eu acho que ela te deixa muito aparelhada com o aluno. Não quer dizer que isso seja bom ou ruim, é só uma constatação. Então, por exemplo, [na sala presencial] eu estou acima, todos os olhos estão voltados para mim, e eu vejo esse movimento, essa interseção. Na plataforma digital, eu não vejo isso, eu vejo vocês olhando para a frente, eu sei que vocês estão olhando para mim, mas eu não sinto esse olhar. Para mim, isso não é legal. Então, eu não sei para que caminho irá isso, eu não consegui raciocinar ainda. A

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços nossa briga na escola está sendo essa, porque eles querem obrigar a gente a dar aula *online* mesmo, a gente aparecendo e falando com os alunos, mesmo para o aluno que não tem internet decente, a gente tem que fazer isso. E eu fiz isso essas duas semanas, e para mim foi uma coisa horrorosa. Acabou virando um bate-papo entre colegas dentro de uma sala, não virou aula. A gente ficou falando mal da plataforma, a gente ficou conversando... E eu não dei aula, foi uma aula sem dar aula. Aí eu falei para eles: "Gente, olha, eu entendo que vocês têm essa falta do professor para falar com vocês, mas eu vou continuar dando a minha aula gravada, do meu jeito torto. E vou responder para vocês em *chat* ou um dia eu faço uma... sei lá, uma coisa assim que nem a gente está fazendo, *online*, para eu tentar responder todas as dúvidas. Mas a aula mesmo, a essência da aula, ela vai continuar sendo gravada, porque eu não sei fazer de outro jeito, mas aí a incompetência é minha, tá?".

E para que caminho vai... Cara, acho que ninguém sabe. Esse que é o grande problema: ninguém sabe. Então, o cara fala assim: "Ah, você é professor, aprenda a fazer as suas aulas *online*!". Está cheio de curso agora, né? Eu peguei uns 10 cursos para olhar, e assim... Acho que é um curso para ajudar o cara que está montando um curso, porque ele vai falar coisas óbvias e que não vão servir para nada. Eu não sei para que caminho vai, honestamente... Eu vou jogar essa bola para vocês, vocês que vão ter que decidir, porque eu já estou velha, eu já estou saindo fora.

Revista Epígrafe: Que bola de fogo para jogar para a gente! [risos] Voltando para a sala de aula, quais as competências que um professor precisa ter?

Iracema Alvarenga: Ai, meu Deus, nunca pensei nisso, deixa eu pensar agora! Eu vou dizer que eu sou incompetente, porque as competências que a gente precisa ter, eu não tenho, então eu devo ser meio incompetente. Ah, acho que tem que ter paciên-

cia... Tem que dominar um assunto para não ser pego no contrapé, apesar de que eu gosto quando me pegam no contrapé, me força a pesquisar. Você vê, eu não sou muito ortodoxa, então quando um aluno pergunta uma coisa que eu não sei, eu falo: “Eu não tenho a mínima ideia, mas vamos investigar sobre o assunto”. Ah, cara, eu não sei que competência que tem que ter... Olha, todo mundo fala uma coisa que é difícil mesmo e só quem dá aula entende, que é o domínio da sala. Como é que você domina a sala, como é que você faz as pessoas se interessarem pela sua matéria? Cada um tem uma técnica e isso é muito pessoal, então não sei se isso é uma habilidade.

Eu tenho um colega que tem um jeito de dar aula, eu não sei se eu faço isso, mas é assim: ele disse que escolhe quem escolhe ele. Ele chegou para mim e falou “Eu vou caçar aquele que não quer saber de mim? Eu tento... Se eu descubro algum problema que ele tem, e aí a gente consegue conversar sobre isso, beleza. Se eu não consigo, eu não vou torturar nem a ele, nem a mim”. Eu também penso um pouco assim, na verdade. Eu falo: “Quem quiser vir comigo, vem, quem não quiser, fica lá, não vou brigar com você”. Se precisar da minha ajuda, estou lá. Se você não fala comigo a vida inteira, mas um dia chegou lá e falou: “Ó, professora, estou com esse problema aqui na sua matéria, odeio a senhora e odeio a sua matéria, mas estou com esse problema aqui e preciso da senhora”. Mano, de boa, eu estou lá. Até faço plantão para te ajudar. Mas eu não esquento a cabeça nesse negócio de tentar todos os alunos, fazer eles gostarem da matéria, envolver... Cara, eu não faço nada disso, eu sou eu mesma. Quem quiser vir comigo, vem, quem não quiser, eu só lamento, porque eu sou legal [risos].

Revista Epígrafe: Na sua percepção, na sua experiência com os outros professores, quais são os maiores desafios da profissão?

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

Iracema Alvarenga: Acho que ter um plano de carreira, tratar a profissão como profissão mesmo. Ainda tratam a gente como cuidadora de crianças e isso é um horror. A gente não está lá para cuidar do seu filho, a gente está lá para tentar passar um pouco de conhecimento, que nem é muito. Mas a gente está lá para tentar ensinar, né? Então, a gente acaba sendo psicólogo, mãe... Tem uns alunos que me adotam, cara, é muito complicado isso. Eu não adoto nem a minha filha, eu tenho que adotar o filho dos outros... É tão estranho... Viajei, perdi até o senso da pergunta. Faz a pergunta de novo.

Revista Epígrafe: Na sua opinião, quais são os desafios que a profissão apresenta?

Iracema Alvarenga: Então, eu acho que a gente precisa de um plano de carreira estabelecido, para o professor não ter que trabalhar em duas escolas, acho que deveria ser proibido o professor trabalhar em duas escolas. Ele deveria trabalhar em uma escola ganhando bem, para ele não ter que esquentar sua cabeça com outros tipos de bobagem. Ah é, por falar nisso, eu lembrei de uma coisa que vocês perguntaram do digital... Vocês sabem que, no digital, você tem que preparar a aula duas vezes. Você gasta seu tempo duas vezes, porque você tem que preparar sua aula para o digital e não só para a aula. Eu não preparei minha aula hoje, não faz mal, eu entro na sala de aula e dou aula, porque ela está toda preparada na minha cabeça. Mas aqui [no digital] não, aqui eu tenho que preparar, preparar a imagem, preparar o que eu vou falar, é meio cansativo. Então, plano de carreira seria bom, que a gente trabalhasse em uma escola só, nem que fosse no período integral, mas em uma escola só, a gente volta todo nosso tempo para isso. Mais tempo para preparação de aula, o que a gente não tem. A gente trabalha dentro da escola, fora da escola, e mesmo assim não dá tempo de preparar tudo o que a gente tem que preparar.

Acho que mais cursos; a gente tem pouco curso de atualização. Eu sempre falo isso para os meus colegas, não falo isso para os alunos, mas para os meus colegas, eu sempre falo: sendo professor, a gente emburrece. A gente vai ficando limitado. Imagina o professor que dá 10, 20 anos de aulas só no segundo ano do ensino médio. Ele só fica naquilo. Dificilmente, quando ele tem que sair daquele universinho, daquela aula toda esquematizada, aí ele vai para outro ano. Cara, é complicado, porque aí ele vai perceber que várias coisas já mudaram, os paradigmas já mudaram... E aí ele tem que se atualizar. Então era melhor que ele se atualizasse o tempo inteiro; que dessem mais cursos, que a gente tivesse mais tempo para fazer cursos, se atualizar, ver novos métodos... Sair dessas coisas que vêm, governamentais, para experimentar uma coisa regional mesmo, mais simples, e ver o universo que a gente está inserido e criar os elementos para aquele universo. A gente precisava de um sindicato nacional para unificar todos os interesses, todos os professores, porque os interesses principais são os mesmos no país inteiro. E sei lá, acho que é isso, eu não consigo imaginar muito bem outros desafios.... Ter uma direção que seja uma direção mesmo, que não seja cargo de confiança de prefeitura, porque aí você fica sujeito às questões políticas e não às educacionais. Ah sei lá, eu só queria que me deixassem dar aula, só isso, eu já ia estar feliz [risos]... O resto não me interessa.

Revista Epígrafe: Levando em conta todos esses problemas do Brasil, no quesito de ser professor, a gente percebe hoje que o professor de História acaba sofrendo algumas perseguições por conta de questões políticas... Quais são, então, os desafios de ser um professor de História nesse contexto?

Iracema Alvarenga: Está ficando cada vez mais difícil, porque está vindo esse pessoal extremamente conservador. Está sendo difícil lidar com eles, mesmo em sala de aula.

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

Eles questionam várias coisas, já tive alunos que brigaram comigo teimando que o Hitler era comunista. E ficou bravo comigo quando eu falei que não era; mandei ele ler, mesmo assim ele ficou injuriado comigo, porque eu não sabia de nada... Falei: “cara, eu estudei tanto para saber disso, então eu não sei de nada? Então eu não sei de nada, não vou brigar com você”. Eu acho que é complicado, mas eu não conheço nenhum professor que deixe de falar. Eu acho que a gente corre o risco. A gente tem aquele troço de liberdade de cátedra e a gente vai usar até o final.

Eu deixo bem esclarecido que certas coisas são minha opinião, né? Não é opinião da escola, não é opinião política, infelizmente a gente é taxado nisso. É minha opinião, Iracema, professora, tal escola, tal ano. Eu acho que quem sofre mais com isso não sou eu, são os professores que são mais engajados politicamente, que têm uma postura mais de enfrentamento, eu acho que eles sofrem muito mais. Eu tento contemporizar, porque na verdade eu não estou a fim de briga, mas eu coloco sempre minha opinião. Uma vez eu falei: “Nossa, já estava na hora do PSDB sair do governo de São Paulo, já eram 35 anos do mesmo governo, ninguém aguenta mais essa desgraça”. A menina ficou ofendida, aí falou: “Ah, por que a senhora acha isso? Porque é um absurdo, quem a senhora queria no lugar deles?”. Eu falei “Qualquer um que não fosse eles, para mudar um pouquinho, né, porque a democracia também é mudança, porque você não pode ficar 35 anos com o mesmo partido no poder, isso vira uma ditadura, praticamente (do partido, não da pessoa como indivíduo)”. Sei lá, acho que está mais complicado, porque existem aquelas bolhas estruturais que estão nos perseguindo a todo momento. Então você tem a bolha dos religiosos ferrenhos, você tem a bolha do pessoal que é liberal, que também enche o saco, o pessoal que acha que o capitalismo é a coisa mais maravilhosa do mundo, que “se está ruim, vai para Cuba”, e eu falei: “Eu vou, porque as praias são maravilhosas, paga a passagem que eu vou de boa, sem problema nenhum”. Então eu acho que História está sofren-

do, mas não é só História, né?! É que a gente caiu na boca do povo porque somos a cara mais visível, mas o pessoal de Sociologia, Filosofia, até alguns professores de Geografia também; Humanas de modo geral. Por exemplo: essa nova reforma do ensino médio aí, cara, provavelmente vai achatar as Humanas e eu entendo porque estão fazendo isso. Porque, querendo ou não, a gente bota a galera para pensar e isso é muito perigoso. Eles estão tratando como a gente é: nós somos um perigo mesmo. Se eu estivesse no lugar deles, acho que eu também perseguiria o pessoal de Humanas, porque nós somos perigosos, né?! Então, assim, eu acho que as coisas acontecem, mas como eu tenho essa aura de ser mais engraçada, mais palhaça, algumas pessoas não levam tão a sério como levam os professores mais engajados. Então dá para eu surfar melhor nessa história sem essa perseguição, porque todo mundo acha que eu estou brincando, então é bem divertido. Eu falo sério e todo mundo acha que eu estou brincando, é bem legal [risos].

Revista Epígrafe: E pensando em experiências mais pessoais, a gente está vivendo um momento em que está em pauta esse tema: quais são os desafios de ser uma professora mulher e negra na sua formação e na sala de aula ao lecionar?

Iracema Alvarenga: Cara, é assim: lidar com racismo, a gente lida há muito tempo. Eu não sou um caso muito ortodoxo para falar sobre isso. Eu dou aula em escola pública, mas eu nunca estudei em escola pública na minha vida, a única escola pública que eu estudei foi a USP. Apesar de ser pobre, mulher, negra, periférica, meu pai tinha uma visão muito interessante sobre educação e ele não queria que a gente estudasse em escola pública. Ele pegou eu e meu irmão e colocou a gente para estudar em uma escola particular que era boa. Eu estudei lá até a oitava série, porque eles não tinham ensino médio na época. E eu era uma das poucas crianças negras naquele lugar. Você

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

só vai se dar conta de certas coisas muito tempo depois, né?! Cara, às vezes tinha ano que era só eu de criança negra na sala, mas assim, eu levava isso muito a sério? Não, não levava isso muito a sério. Então eu sei que existe racismo, o racismo é gritante. Meu pai já pensou nisso quando colocou a gente naquela escola, porque ele sempre falava, essa frase me marcou: “Preto, para falar que é bom, tem que ser dez vezes melhor”. Ele falava isso quase todos os dias, era um saco! “Você tem que ser dez vezes melhor, você tem que ser dez vezes melhor para acharem que você é igual”. Então a gente era bom, pelo menos meu irmão era [risos]. Eu não era tão boa, não, mas meu irmão era. Quando eu comecei a dar aula efetivamente, aí comecei a mudar o currículo. Sempre falo em dois parâmetros que eu gosto de falar em sala de aula, porque dá bastante liga: o que é racismo e o que é machismo. Quando chega no racismo, eu pergunto para eles: “Quantos professores negros vocês já tiveram na sua vida inteira escolar?”. Tem alunos que chegam e falam para mim: “Você é a primeira”. E eles estudam em escola da periferia. Aí eu falo assim: “Tá, se você não tem professor negro, o médico que você passa é negro? O advogado é negro? Cara, se os negros são uma boa parcela da população desse país, onde eles estão, se eles não estão aqui? Não estão nem dentro da sua sala de aula, não estão te dando aula, não são seus parceiros de aula, onde eles estão?”. E aí eles começam a pensar onde é que esses negros estão. Eles estão na faxina, estão na cantina, estão em outros trabalhos subalternos, mas não estão ali. Então é isso que faz alguns pensarem sobre isso. Então assim, quando eu me vi nesse espaço... A gente começa a trabalhar isso, porque existe o desprezo. Se eu desse aula em uma escola particular, eu sentiria mais, mas como eu só dei aula em escola pública, mesmo em escola pública, em várias escolas, tinham poucos professores negros, poucos mesmo. Eu consigo me lembrar, acho que teve uma escola que nós éramos em quatro e já era gritante, já era quase um quilombo. A gente sofre naturalmente.

Na minha primeira experiência no ITB [Instituto Técnico de Barueri], eu fui substituir uma professora de História, e falaram para os alunos que eu não era formada. “Ah, ela está aqui, mas não é formada”. Vocês podem imaginar que isso se espalhou entre os alunos, aí uma aluna que gostava de mim veio falar: “Nossa, professora, é verdade que a senhora não é nem formada?”. Aí eu tive que falar, né? Eu nunca falo que estudei na USP, porque eu acho isso meio arrogância. Eu falei: “Cara, estudei, me formei na USP com louvor...” – aí é mentira – “...me formei na USP com louvor”. Tem que esfregar na cara da pessoa que você tem a formação. Será que falariam isso se eu fosse uma mulher branca loira? Provavelmente não. Então existe um pouco de dúvida quando olham para a gente. “É professora, mas é meio burra, né?!” [risos irônicos] “Será que ela é inteligente mesmo?” O outro branco é sempre mais inteligente, então a gente tem que sempre mostrar nosso valor e isso é cansativo, entende? Essa luta é cansativa. Então teve um momento da minha vida que eu falei: “Foda-se, eu não vou provar nada para ninguém, que se dane quem não gosta de mim. Meu emprego é público, ninguém vai me mandar embora se eu sou preta, se eu sou cafuzza, se eu sou mameluca, ninguém vai me mandar embora, então vou manter minha postura e acabou”. Porque cansa, enche o saco. Meu, eu conto histórias para os meus alunos de quando perseguem a gente em loja, supermercado... Minha filha, infelizmente, nasceu branca, então é uma negra de pele clara, e todo mundo pensa que eu sou a babá dela, várias vezes pensaram que eu era babá dela. Até mesmo na escola perguntam: “É sua filha mesmo?”. Ai, é um porre! Então tem coisas que, se você for levar a ferro e fogo, você enlouquece. Eu entendo meus colegas que levam isso mais a fundo. Nós temos um professor lá [no ITB] que é mais engajado nessa coisa da luta negra, então ele coloca isso nos textos, ele busca referências negras para colocar nas aulas de português dele. Eu trabalho o básico e levo a minha vida. Por exemplo: teve uma professora na escola que começou a incentivar as meninas a assumirem seus

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços

cabelos crespos, porque quando a gente começou nessa escola que a gente está agora, a maioria das meninas negras alisava os cabelos. E, cara, foi um trabalho... Eu achei muito legal, e toda vez que me perguntavam, [eu dizia]: “Cara, faça isso, é legal, vai, é o seu cabelo. Depois, se você não gostar, você muda, você alisa de novo”. E muita gente criticava ela porque ela fazia isso, vocês nem imaginam. Eles faziam uma crítica de “Ah, ela só quer falar de maquiagem e do cabelo das meninas”. Cara, mas o cabelo, para quem é negro ou para quem é afrodescendente, é uma coisa muito doída. Só nós que somos negros entendemos que nosso cabelo nos pertence. É quase como se fosse nossa alma. Então ela estava resgatando aquelas almas e todo mundo criticando aquele trabalho. Será que criticariam se fosse para alisar o cabelo das meninas e fazer caracol, e dissessem: “Vamos enaltecer nossa cultura germânica!”? Será que todo mundo implicaria com isso? E, assim, essas pequenas coisinhas que vão cansando. Então, eu não brigo... eu não vou para a briga, mas se me chamarem, eu brigo. É, sou bem assim... Eu sou de paz, mas se você me chamar para a briga, eu vou brigar.

Revista Epígrafe: Iracema, como você trabalha essa questão do racismo em sala de aula e nas aulas de História? Como é que seus alunos afrodescendentes absorvem? Como você percebe isso?

Iracema Alvarenga: Cara, o que eu percebo é que a maioria deles nunca se deu conta do que a gente vai falar. Um exemplo bem tosco: quando a gente fala “escravo”, automaticamente, na cabeça deles, vêm negros, africanos, Brasil. Eles não conseguem conceber que, na Antiguidade, por exemplo, escravo poderia ser de qualquer cor, porque poderia ser um capturado de guerra. Na cabeça deles, não entrava, não entra, que escravo podia ser um oriental, um branco capturado... Então você tem que fazer

um processo de desconstruir a História para reconstruir tudo de novo, você tem que destruir todos esses paradigmas. Você tem que desconstruir que a África é um país de gente que só fala *uga uga uga*, anda com a clave na cabeça para matar “o grande europeu” que vai lá dominá-lo, entende? Você tem que ir desconstruindo aos poucos, você tem que mostrar que existem civilizações legais. É por isso que, no primeiro ano, a gente coloca duas civilizações que 99,9% dos alunos nunca ouviram falar: Kush e Axum. E eu poderia citar outras cinco, assim, de cabeça, que eles nunca ouviram falar. São grandes civilizações africanas, mas se a gente não começar a trazê-las, desmistificar isso e mostrar que a África foi explorada, e não é porque eles não seguiam a Jesus que eles foram caçados e explorados, eles não eram “os descendentes de Cam, glória ao Senhor, por isso eles têm que ser massacrados”. Você tem que começar a desconstruir isso e essa parte da desconstrução é muito legal, porque vários alunos se enxergam naquilo. Cara, é gratificante.

Tinha um aluno que era negro e caiu para trabalhar com Kush e Axum e ficou muito bravo, cara, muito bravo, porque ele não queria fazer aquilo. Mas depois que fez o trabalho, ele falou: ‘Nossa, professora, é legal, né?! Eles eram inteligentes’. Eles eram inteligentes, claro, porque “É negro, tem que ser meio burro”, né? “Eles eram inteligentes, olha quantas coisas eles fizeram!”. E aí quando você fala que o Egito era muito mais negro do que branco, que aquilo era um estereótipo de Hollywood, transformar o Egito em uma coisa branca, sendo que ele não é branco... Nossa, tem até professor que cai em cima de mim, vocês não têm noção... Tem uma professora que brigou comigo, falando: “Não, você está errada, o Egito é branco, os árabes invadiram...”. Cara, é África, originalmente, eles são negros, se misturaram depois; originalmente, eles são negros. É tanto temor falar que a África é negra, porque assim: o Egito era muito desenvolvido para ser negro, ele tinha que ser meio branco [risos]. É uma coisa de doido! Então, é gostoso quando eles vêm isso, quando a gente mostra

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços que o Egito era negro, não era branco, que existem outras civilizações tão grandiosas quanto o Egito que também eram negras. Então todo espaço que eu tenho, eu coloco isso, falo dos negros, eu gosto muito de falar dos negros na época da colônia, das resistências, da luta... Acho que, no segundo anos de Redes [de Computadores, curso técnico] eu fiz isso com eles. Eu distribuí vários nomes de personalidades negras e mandei eles pesquisarem e muitos, eles nem sabiam que existiam. Foi bem interessante. Na verdade, eu acho que a História do Brasil peca muito com a comunidade negra, a gente não fala deles, a gente embranquece todo mundo. Você vê que agora estão fazendo o processo certo com o Machado [de Assis], né, porque, *sorry*, ele é negro. Sinto muito, periferia, mas ele é negro. Rui Barbosa era mestiço. Então tem vários que você tem que trazer e dizer: "Olha...". Você tem que trazer. Vamos falar que o André Rebouças era negro. "Ah, Rebouças?! Arquiteto?! Engenheiro?!". É negro, filho. A gente tem um monte. Então, eu acho que a História peca muito em relação aos negros no nosso país, a gente peca muito. A gente se esmera em falar da Europa, "A Europa é maravilhosa, nossa, excepcional!". A gente conta a História do Brasil sob uma perspectiva muito europeia ainda, mas a gente esquece completamente dos negros que moram aqui, a gente apenas passa por cima deles como se eles não existissem de verdade. É muito triste isso. Mas, para fazer esse trabalho, para fazer eles se identificarem, você tem que desconstruir. Você tem que falar que tudo isso é uma construção, que existe uma política de embranquecimento que era estatal, praticamente, e depois passou para as mentalidades. Aí eu sempre uso as analogias, porque é mais fácil deles entenderem. Eu falo assim: "Jogador de futebol preto só casa com loira, porque não casa com preta? Os jogadores de basquete americanos casam com pretas, então o sistema que eles têm é diferente do nosso". Por que o sistema em relação a racismo nos Estados Unidos é diferente do sistema que a gente tem? Porque a gente teve esse sistema de embranquecimento! Ser branco é mais fácil no Brasil, então é

muito mais fácil eu, negro, casar com uma mulher branca, para meus filhos nascerem mais clarinhos, porque a vida deles será mais fácil. E isso não é mística, isso é real. Entre um negro e um branco, o branco sempre vai ser escolhido e o negro, não, isso é real. Então eu entendo os caras que fazem isso, porque a gente vive dentro desse sistema.

O que eu faço com os alunos é mostrar que existe esse sistema, porque muitos não têm essa noção. Eles olham para aquilo tipo: “Nossa, professora, que viagem!”. E agora com essa série de manifestações... Ah, pena que agora, esse ano, a aula está uma bosta, né? Olha só quantas coisas sobre o negro estão acontecendo no mundo, olha quanto material para dar aula está surgindo e a gente tem que ficar preso nessa porcaria dessa telinha... Cara, é muito ruim isso aí. Viu o menino dessa semana aí no shopping? Cara, porque [acharam] que ele estava com um boné que era da facção... Como disse uma pessoa: se fosse um branco, certamente o tratamento seria diferente. Sei lá, eu já fui enquadrada até pela polícia, então eu sei como é que é.¹

Revista Epígrafe: Então vamos mudar um pouquinho de assunto...

Iracema: Vamos mudar de assunto!

Revista Epígrafe: A gente sabe que essa geração, essas novas gerações, são bem diferentes das gerações passadas. A tecnologia vai se alterando e vai alterando também muitas questões, principalmente de interação do aluno. Na sua percepção, quais são os desafios que essas novas gerações trazem e como lidar com eles?

¹ Em referência ao caso de um jovem negro que foi agredido por policiais militares em um shopping na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, em 05 de agosto de 2020

Iracema Alvarenga: Eu acho legal a tecnologia, eu gosto, eu acho ela importante. Eu sinto um certo medo da distância pessoal. Eu acho que vocês que são mais jovens vão ter que trabalhar como é se relacionar com uma pessoa de verdade, e não com um instrumento no meio. Eu acho que vai ser muito complicado para vocês. Me desculpa, eu sou de uma geração que a gente gosta de se tocar, eu gosto de escutar vozes, entendeu? Quando eu pego um telefone e vão me passando, um robô me passa de um botão, que passa para outro botão, que passa para outro botão, eu vou até o botão que fala assim: “Quer conversar com a atendente?”. Sim, eu quero conversar com a atendente, eu quero conversar com alguém que raciocine do outro lado! Então eu acho que vocês vão ter esse problema do toque, de ter a confiança da pessoa que está próxima. Vocês vão ficar muito fechados nisso. Eu tenho medo que isso aconteça, que vocês fiquem fechados nessa bolha tecnológica e esqueçam que existe uma coisa que é pessoal, entre amigos, sentar e falar besteira com as pessoas que você gosta. Eu acho vocês vão ter um grande desafio em relação a isso, que já era uma característica da geração antes de vocês e agora está ficando muito mais gritante. Eu vejo assim: minha filha tem mil amigos na internet, ela conversa, conversa com toda as amigas, altos papos com “azamiga”. Mas, assim, tem pouco contato com as amigas, o contato mesmo é pouco. Eu converso pouquíssimo por telefone, *WhatsApp*... Quando eu quero conversar com as minhas amigas, eu vou até elas e elas vêm até a mim e a gente conversa. Eu acho que um grande desafio da geração de vocês é como lidar com a tecnologia e não ser individualista. Nossa, eu acho complicadíssimo, eu não queria estar na pele de vocês, não. Honestamente, eu não queria, porque se ninguém mostrar para vocês como é o outro jeito, como é outro jeito de viver... Eu não sei se vai chegar ao ponto de ter uma geração que não vai se encontrar nunca, que se encontrar fisicamente será incômodo, como é incômodo para mim isso aqui que a

gente está fazendo. Para essa nova geração que virá, pode ser incômoda a outra face. Isso para elas vai ser o “normal” e o incômodo vai ser o outro, o outro perto, o outro interagindo, o calor humano. Complicado, muita filosofia, isso, para a minha cabeça. Não quero pensar nisso, não, muito triste, ainda bem que eu vou estar morta, não vou ver isso daí [risos].

Revista Epígrafe: Tinha alguma prática ou algum método que você usava em sala de aula que você vê que já não funciona mais com essas novas gerações, ou alguma coisa que você tem que criar para ter um contato maior com eles? Você falou que está sempre vendo na internet o que é sucesso, o que está bombando... O que você teve que fazer diferente do que você fazia que você percebeu que “olha, não dá mais certo isso, vamos ter que mudar”?

Iracema Alvarenga: Cara, como eu já sou velha, anteriormente, quando eu comecei a dar aula, algumas referências que eu usava, eles conheciam, então a piada fica mais fácil, né? Quando se sabe a referência, a piada se torna engraçada. Conforme o tempo vai passando, eles vão mudando os hábitos e aí, para você tentar pegar alguma coisa para jogar naquilo, é complicado. O que eu percebo é que eles não têm longevidade... Ai, como eu vou explicar isso? É muito imediato, então o que aconteceu em uma semana, aquilo bomba, mas dali a dois ou três meses, aquilo que bombou, ninguém se interessa mais. Cara, na minha cabeça não entra isso, entende? Na minha cabeça não entra, por exemplo, eu falar de Matrix e 80% da sala nunca ter assistido. “Como assim você não assistiu Matrix? Matrix é maravilhoso, como assim? Vou ter que passar em sala de aula para você entender a minha piada?!” O aluno faz uma pergunta séria e eu faço “ôôôôô” [movimento corporal em referência à cena clássica do filme], saca? E o cara olha para a minha cara tipo: “Hã?”. Então assim: eu acho que essas gerações que

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços estão vindo são muito imediatistas e eles têm pouca memória até de coisas mais próximas a eles. Se eu falar alguma coisa do ano passado para um aluno, até ele associar aquilo, demora. Eu não sei como despertar isso nele, então toda vez que eu vou usar uma referência, que eles não riem da minha piada, eu tento trazer tudo aquilo que levou até a minha referência. Vai funcionar? Não!

Eu vou dar um exemplo mais triste ainda: vocês usam *WhatsApp*, vocês são os reis do *WhatsApp*. Eu odeio *WhatsApp*! Para mim é um telefone mal ajambrado, um telefone em que você tecla. Mas, para vocês, tem uma vivência. Sei lá, há quanto tempo eu tenho *Facebook*? Quando lançaram o *Facebook*, cara, ninguém tinha. Um aluno me colocou. “Ah, vamos entrar no *Facebook* para saber o que é essa bagaça”. Agora tem aluno que olha para mim e fala: “Ai, professora, ninguém usa *Facebook*...”; “Ninguém usa, a gente só usa o *WhatsApp*”. Mas eu falo assim: “Eu não vou dar o meu telefone para você, porque eu não quero essa intimidade toda, então você vai me acesar por ali e pronto”. Então fica complicado o diálogo quando não se tem o referencial. O que eu fiz: eu vou entrando e vou procurando coisas que eles estão fazendo agora e tento usar de alguma maneira em algum momento da aula. Então se tem alguma discussão sobre religião, eu pego aquela discussão e joga em algum ponto. O que está acontecendo agora nas manifestações antirracistas, você pega esse referencial e joga. Mas é muito complicada essa falta de referencial que os alunos têm, essa falta de longevidade.

Eu não sei como lidar com isso ainda, não, eu vou tateando. Na verdade, assim: eu costumo defender a tese de que professor tem prazo de validade. E eu cheguei no meu prazo de validade, porque a distância entre mim e os meus alunos se tornou muito grande. A distância já está enorme e eu acho que não vou conseguir alcançá-los mais, e eles obviamente não vão querer correr atrás de mim, com certeza. Então acabou. Para mim, acabou, a distância ficou muito longa. A gente tem prazo de validade

mesmo. E ainda querem que professor trabalhe até que idade?! Cara, aí vai ser uma aula insuportável, porque a gente vai ficando chato. A gente já é chato jovem, imagina com 50, 60 anos... Vai ser insuportável. Então, eu não sei o que fazer, a minha opção no momento é aposentar porque a distância ficou muito grande. Eu acho que, qualquer coisa que eu fizer, eu não vou atingi-los. Eu tenho essa sensação de que tem que ser alguém mais jovem que entenda os referenciais deles para poder ter uma certa conexão para saber se essa coisa flui. Se for para fazer conteúdo, só, amigo, qualquer um faz. Até eu, se chegar aos cem anos. Eu chego lá: "Interprete o texto, responda o questionário". Aí tanto faz. Mas se você quiser realmente atingir essas criaturas, a gente tem prazo de validade...

Revista Epígrafe: E a sua visão sobre ser professora mudou ao longo do tempo? O que é ser professora de História para você agora?

Iracema Alvarenga: É lidar com o descrédito, né? A gente caiu no descrédito. Eu acho que essa direita, extrema direita conservadora burra, vendeu a ideia de que História não é necessária, de que professor não presta, professor não tem conhecimento. Então eles estão buscando, sei lá, estragar o pouco que a gente tem. A gente não é nada disso. Eu acho que eles estragaram nosso sistema e a gente tem que lidar com esse descrédito o tempo inteiro. Então, a gente volta ao que a gente falou: "Professor tem que provar a todo momento que ele é imprescindível, que ele é necessário na escola, que esse contato com o aluno é importante, *blá blá blá*". A gente vai cair sempre na mesma coisa, e agora é lutar de novo. Eu estudei na época que tinha ditadura. O professor, coitado, ele era um travado porque, como dizia minha professora de Português: "Não vamos fazer piada política porque a qualquer hora pode aparecer alguém aqui e me tirar da sala de aula". Então ela trabalhava com esse temor. Hoje eu traba-

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços lho com o temor de que “você é insignificante, sua matéria não me interessa, isso não é importante” e não importa o que eu faça. Eu não sou tradicional? Não sou, mas os tradicionais sofrem da mesma maneira. Cara, é uma pergunta complicada para mim, eu não sei responder, não... Eu vou ficar por aqui porque não sei responder, estou na dúvida. Quem sabe daqui a uns três dias eu tenho a resposta? Vou pesquisar [risos].

Revista Epígrafe: E por fim, uma pergunta que interessa muito a nossa revista em geral: qual é o conselho que você daria aos graduandos que pretendem ser professores como você?

Iracema Alvarenga: Eu acho que vocês têm que retomar a nossa carreira. A História está muito desgastada e, enquanto a academia fica muito centrada na academia, a gente está perdendo espaço. Tem gente ocupando o nosso espaço deslavadamente. Então, assim, eu acho legal o ensino universitário? Acho legal. Acho que essa arrogância que a gente tem na USP é legal? Eu gostava dessa arrogância, me achava o suprasumo da inteligência. Mas o resto do mundo não é o suprasumo da inteligência. Eles precisam ser resgatados, essa função precisa ser do historiador de agora, de vocês. Vocês têm que resgatar esse pessoal que acha História um lixo, que acha que professor é tudo burro... Resgatar eles em redes sociais, não deixar esses caras que não são historiadores de bosta nenhuma fazerem blog de história de cinco minutos e todo mundo achar os caras o máximo, e vocês aí “Nós estamos acima disso, nós não precisamos fazer isso porque nós somos historiadores”. Meu, foda-se, vai lá resgatar esse povo porque tem gente ocupando os nossos espaços. Quem tem que ocupar o espaço do historiador é o historiador. Quem tem que falar de história com um cabedal de informações, com um cabedal cultural para falar de história, é o historiador, não o jornalista, não o sociólogo, entende? Esse espaço tem que ser buscado! Acho que o

desafio de vocês é olhar para toda essa coisa de tecnologia e resgatar esse povo para provar que vocês existem e que vocês entendem do assunto. O outro pode fazer alguma coisa melhor, mas você entende do assunto. Transformar essa História que vocês têm academicamente em uma coisa agradável, porque, desculpa, vou falar para vocês que estão estudando agora: quando eu estudei, também já era assim, a nossa História. A História que a gente aprende na universidade, que é uma delícia, ela é uma delícia para a gente. Para o resto do mundo, não. Para o resto do mundo, ela é chata para cacete. Então a tarefa de vocês é tentar transformar isso que a gente ama em uma coisa que os outros amem, trazer isso para a realidade e tomar os espaços que estão nos tomando. Você sabe que quando eu... a gente tentou formar um grupo para vender... fazer arquivo de firma e *tal, tal, tal...* Assim, "vamos tentar ampliar o campo de historiador" porque a gente já estava achando achatado há muito tempo. A gente tentou montar uma espécie de firminha que fosse lá ajudar a documentação de uma grande empresa, separar o estoque dela. Era o nosso sonho, a gente queria montar uma firminha disso. "Vamos lá na Nestlé separar tudo o que é história da Nestlé, fazer a história da Nestlé *tal, tal, tal*". Era uma bobagem? Era! Assim, a gente achava legal, a gente queria fazer isso. Mas pensando bem, cara, alguém fez isso e provavelmente não foi um historiador. Foi alguém que se dispôs a fazer um trabalho que parece ser menor, porque o trabalho bom é o trabalho de pesquisa. Porque a gente é arrogante, desculpa aí, mas a gente é arrogante, é da nossa matéria, nós somos naturalmente arrogantes. A gente larga essas coisas que a gente acha que são inferiores e outras pessoas estão ocupando os nossos espaços. A função de vocês é não deixar o pessoal ocupar o espaço que é nosso. Nós é que somos formados para isso, então resgatem isso. Entrem nessas coisas que vocês acham mais medíocres, que é *YouTube*, é *Facebook*, para falar de História, trazer a História para um campo, sabe, mais micro-história, trabalhar com a História em um âmbito menor, sei lá, o que for. Tudo

Desafios do ensino de História e a necessidade de reconquistar espaços aquilo que você acha inferior, trabalhe com isso, porque senão, a nossa tendência é desaparecer. Porque todo mundo se acha autossuficiente para interpretar História e não é isso, não é real. Eu descobri que nem filósofos, nem sociólogos conseguem fazer isso como a gente faz. E a gente não faz, a gente deixa para os outros. É isso, ocupar espaços. Nós estamos em uma fase de guerrilha. Parece bobagem, mas eu penso dessa forma. A gente está em uma fase de guerrilha e os guerrilheiros são vocês.

Quem disse que qualquer um pode falar de História? Qualquer um pode falar de Medicina? Qualquer um pode falar de lei? Por que qualquer um pode falar de História? E aí o que acontece é o seguinte: o historiador vira e fala assim: “Eu não vou me envolver nesses assuntos mundanos porque eu sou acadêmico”. Meu, foda-se isso, cara, vai ocupar espaço, sim. Os jornalistas já ocuparam muito o nosso espaço porque só eles faziam biografias, porque historiador não queria fazer biografia, porque é uma coisa muito distante dele, ele é um acadêmico, ele não quer saber dessas bobagens... Aí os jornalistas ocuparam quase todo esse espaço. Quem faz biografia agora? Normalmente é jornalista, não é historiador. “Ah, porque é uma linguagem mais popular...” É! É esse espaço que a gente tem que procurar. Infelizmente é assim... A gente tem que descer um degrau e ir atrás dessa galera. É isso.